

## DANÇA PARA ALÉM DO GÊNERO: IDENTIDADES TRANS NO CAMPO DA DANÇA

Giovana Consorte<sup>1</sup>  
Ysa Cardoso<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente trabalho objetiva compartilhar os resultados da pesquisa “Dança para além do gênero: um olhar para a transexualidade na dança”, aprovada no edital nº 15/2022 do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), com apoio e financiamento do IFG e do CNPQ. A investigação buscou mapear as produções acadêmicas (brasileiras/ em língua portuguesa) que dialoguem com o universo transgênero na dança. O estudo se ampara em uma abordagem qualitativa exploratória-descritiva e se estrutura como uma pesquisa de revisão bibliográfica. A partir de leituras acerca de dança e gênero, buscamos desvelar rastros acadêmicos ante a temática, perpassando aspectos socioculturais que tangenciam as construções de pesquisas e saberes acerca da identidade dos corpos transgênero na dança e suas diferentes formas de existência e subsistência no campo artístico. Caminhando ao lado de autores como Roughgarden (2005), Scott (1995), Segato (2012), Toneli (2012), entre outros, este artigo busca contribuir com os debates acerca de transgeneridade e dança, dialogando com demais pesquisas e registrando hiatos e potências desvelados na jornada.

**Palavras-chave:** Queer; Transgeneridade; Corpo; Pesquisa em dança.

---

<sup>1</sup> Giovana Consorte é multiartista e professora do curso de Licenciatura em Dança do Instituto Federal de Goiás. É doutoranda em Motricidade Humana, especialidade Dança pela Faculdade de Motricidade Humana da Universidade de Lisboa. Especialista no ensino de Artes pela UNINTER. Mestre em Educação Ambiental e licenciada em Educação Física pela FURG. Coordenadora do grupo de pesquisa em dança Corpo Composto.

<sup>2</sup> Ysa Cardoso é licenciada em Dança pelo Instituto Federal de Goiás, Campus Aparecida de Goiânia. Tem formação em dança clássica, e experiências com dança contemporânea, educação somática, jazz funk e vogue performance. É multiartista natural do município de Aparecida de Goiânia, atua como professora de dança, bailarina, atriz, coreógrafa, ensaísta, pesquisadora e produtora cultural, com trabalhos apresentados no Brasil e no exterior.

## **DANCE BEYOND GENDER: TRANS IDENTITIES IN THE FIELD OF DANCE**

**Abstract:** The present work aims to share the results of the research “Dance beyond gender: a look at transsexuality in dance” approved in public notice nº 15/2022 of the Institutional Program for Scientific Initiation Scholarships (PIBIC), with support and funding from the IFG from CNPQ. The investigation sought to map academic productions (Brazilian/Portuguese) that relate to the transgender universe in dance. The study is based on an exploratory-descriptive qualitative approach and is structured as a bibliographic review research. Based on readings about dance and gender, we seek to reveal academic traces about the theme, passing through sociocultural aspects that touch on the construction of research and knowledge about the identity of transgender bodies in dance and their different forms of existence and subsistence in the artistic field. Walking alongside authors such as Roughgarden (2005), Scott (1995), Segato (2012), Tonelli (2012) among others, this article seeks to contribute to the debates about transgenderism and dance, relating to other researches and registering gaps and potentials unveiled on the journey.

**Keywords:** Queer; Transgender; Body; Dance research.

## Por um caminho desviante

A presente escrita tenciona refletir acerca da pesquisa de iniciação científica *Dança para além do gênero: um olhar para a transexualidade na dança*, fomentada pelo edital n.º 15/2022 do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), com apoio e financiamento do Instituto Federal de Goiás e do CNPQ, tendo sido desenvolvida no período de setembro/2022 a agosto/2023. Esta investigação toma forma como um ato de insurgência, destinado a romper com concessões impostas por uma sociedade regida por processos socioinstitucionais ideológicos que favorecem a conformidade com normas de gênero. Nesse esforço, no desejo do encontro e partilha com pessoas como nós - viventes e aliados da diversidade, que se interessam pelo caminho do corpo explorando uma jornada que transcende as barreiras das ideias binárias predominantes em direção à nossa própria existência não convencional - nos debruçamos em uma escrita provocativa que objetiva movimentar o debate acerca da transgeneridade na dança.

Destarte, o ímpeto de pesquisa surge pela curiosidade pessoal para com o tema, dado que uma das pesquisadoras encontra-se em processo de descoberta, como uma pessoa dissidente de gênero, e busca por referenciais teóricos e artísticos para compor seu arcabouço estético e existencial. Associado a isso, surge uma atenção e desejo investigativo em saber como esses(as) sujeitas, sujeitos e sujeites<sup>3</sup> trans estão sendo retratados na literatura e pesquisas disponíveis em língua portuguesa, especificamente quando se trata de Arte/Dança, buscando assim a construção de um panorama do campo de estudos e pesquisas na área da Dança. Para tanto, esta investigação teve como objetivo buscar, analisar e discutir os aparecimentos e os não-aparecimentos de discussões e pesquisas relacionadas à transexualidade na dança. A partir de leituras acerca de dança e gênero, buscamos desvelar rastros acadêmicos ante

---

<sup>3</sup> O uso da linguagem neutra em alguns pontos desse trabalho, a princípio, se dá pelo respeito às pessoas pesquisadas aqui no atravessamento da temática. Compreendendo que, o progresso das discussões sobre a teoria *queer* no Brasil e o surgimento de pessoas dissidentes de gênero, como as pessoas trans não-binárias, que vem ganhando espaços nas mídias sociais ao tratar sobre suas identidades e preferências de pronomes, faz-se necessário posicionamentos sobre o uso da linguagem para garantir visibilidade e inclusão na sociedade sem invalidar suas identidades de gênero através do uso de linguagem neutra (Lau, 2017).

a temática, perpassando aspectos socioculturais que tangenciam as construções de pesquisas e saberes acerca da identidade dos corpos transgênero na dança e suas diferentes formas de existência e subsistência no campo artístico.

Nessa perspectiva, um dos focos da pesquisa se relaciona à dinâmica entre corpos que expressam identidades de gênero não conformes e a intersecção entre a prática da dança, tanto no âmbito artístico quanto nas produções acadêmicas. Historicamente, as construções no campo da dança foram influenciadas por padrões cis-heteronormativos e rígidos estereótipos de gênero. No entanto, recentemente, como destacado por Mandradjieff (2022), tem ocorrido um movimento em direção à visibilidade e ao reconhecimento da diversidade de corpos e identidades na dança, especialmente aquelas que são trans, resultando em uma abordagem mais abrangente e diversificada.

Contudo, apesar das adversidades enfrentadas por corpos transgêneros e *queers* no âmbito da dança - incluindo marginalização, resistência e confrontos - as práticas teórico-artísticas em dança podem emergir como um meio de autorrepresentação, capacitação e consolidação da identidade. Apesar dos aparentes avanços nas discussões sobre transsexualidade na sociedade brasileira, subsistem obstáculos que demandam medidas específicas para serem contornados, visando assim a plena inclusão e equidade de oportunidades para esses sujeitos de corpos diversos. Nesse contexto, a promoção de espaços de diálogo e oportunidades de representatividade desempenham papéis essenciais para ampliar a visibilidade e conferir valor às vozes e vivências desses artistas.

Considerando o exposto, essa pesquisa se propõe a investigar as publicações acadêmicas em língua portuguesa que relacionam o campo de estudos da dança às discussões sobre transsexualidade para revelar o que tem sido feito até então. Não obstante, a intenção de intervir ativamente nesse espaço de ausências nos levou a buscar outras formas de socialização do conhecimento encontrado, para além das bases de pesquisa amplamente conhecidas no universo acadêmico. Para tanto, foi criada uma conta no Instagram, objetivando a construção de um espaço de circulação de informações, permitindo uma maior divulgação dos trabalhos e resultados da pesquisa.

## Por falar em gênero

Evidencia-se na nossa sociedade – ocidental, de tradição cultural judaico-cristã – um comportamento em generalizar seus ideais de mundo com base em certezas como a de que o sexo biológico é algo universal, binário e holístico para as identidades e papéis sociais, o que de fato não é verdade. A considerar a ciência biológica, entende-se que algumas espécies irão se dividir em duas ou mais categorias, o que já nos sinaliza que a construção do que se entende por sexo não se organiza de forma necessariamente binária. Para além disso, o que significa ser fêmea e macho em uma espécie pode tomar uma forma totalmente inversa para outra espécie, como bem apontou Joan Roughgarden, em seu livro *Evolução do Gênero e sexualidade*, em 2005.

Nesse sentido, há muito sendo confundida e utilizada erroneamente como sinônimo de sexo, *gênero* é a categoria construída socialmente que reúne um conjunto de características que irão definir os papéis sociais entre homens e mulheres, como pontuam autores como Louro (2000), Scott (1995) e Segato (2012). Tal conceituação se inaugura como marco nos textos da historiadora norte-americana Joan Scott na década de 1990, a partir da chamada “segunda onda” do movimento feminista e em oposição a sexo. Assim, gênero considera a forma como cada grupo cultural “dramatiza” o binarismo sexual, rechaçando a fatalidade da natureza. A partir desse texto, Scott define muito bem as atribuições ligadas aos sexos e aos gêneros, pontuando como essas relações se tornam relações de poder, o que, ressalte-se, de forma alguma se restringe à sexualidade. Assim, delongando discussões pós Scott, Toneli (2012) irá nos dizer que o binarismo sexual também é uma produção cultural e que, na abertura de seus debates teóricos, o corpo passa a ser visto como uma variável, e não mais uma constante.

Pensando dessa forma, o gênero agora se torna performático e múltiplo, fruto da ação e não da identidade ou totalidade postulada, e está associado a outros vetores de distinção como classe, etnia e geração, superando mecanismos políticos de modelos identitários globalizados (Haraway, 2000; Butler, 1990). Dito isso, a famosa frase de Simone de Beauvoir “ninguém nasce mulher; torna-se mulher”, em seu livro *O Segundo Sexo* (1980, p. 9), caracteriza

muito bem o gênero, podendo ser utilizada para iniciar discussões que cercam a identidade masculina, feminina e outras mais de corpos trans, transsexuais e/ou transgênero que vivem suas transformações e o *tornar a ser* cotidianamente.

Faz-se necessário aqui uma ressalva conceitual, uma vez que a inclusão dos termos trans, transexual e transgênero nessa pesquisa aparece no intuito de ampliar o recorte da investigação, em busca de resultados que interseccionem dança e o universo *trans-queer*. Apesar disso, os termos não devem ser considerados sinônimos. O termo "transgênero" abrange um amplo espectro de pessoas que se identificam, de forma transitória ou persistente, com um gênero diferente do que lhes foi atribuído ao nascer. Já o termo "transexual" é usado para descrever indivíduos em busca ou que passaram por uma transição social de gênero, seja de masculino para feminino ou de feminino para masculino. Em muitos casos, essa transição também envolve tratamento hormonal e cirurgia genital, embora não seja obrigatório para todos (CIDH, 2018, p. 18).

No decorrer da nossa investigação, percebemos críticas em relação à utilização do termo "transgênero" para abranger todas as experiências relacionadas à transição de gênero. Essa palavra, traduzida do inglês *transgender*, está associada a um contexto ativista que não reflete a realidade do nosso país e pode acabar ocultando categorias específicas do Brasil, como é o caso das travestis, conforme destacado pela ativista Janaina Lima (apud Lucon, 2015).

Outrossim, a decisão pelo uso do termo *trans* apoia-se na própria forma êmica com a qual a expressão tem sido ordinariamente utilizada no ativismo, no movimento social, na academia e também em campanhas e serviços de órgãos do poder público/estatal. Tal escolha, apresentando-se como conceito guarda-chuva, auxilia a exprimir as diversas vivências no campo das relações e dos sentimentos de pertencimento de gênero não normativo, isto é, a experiência de pessoas que vivenciam uma identidade ou expressão de gênero divergente das expectativas sociais atribuídas a eles/as/us em razão do sexo de seu nascimento, a exemplo das identidades travestis, mulheres e homens transsexuais e pessoas transgêneras.

A entender tal recorte, compreender como o gênero se apresenta no contexto da transsexualidade é fundamental para colocar tal noção como central

da discussão. A guisa de Judith Butler (1993, 2003), a admissão do ideal normativo do sexo expõe justificadamente como tal ideal se torna incapaz de explicar a pluralidade das identidades de gênero durante a história. De fato, o que ao contrário do senso comum, biologicista e reducionista, entende-se que o sexo biológico não pode determinar a performatividade de gênero e a cassação de direitos em vida. Os processos de conformação identitária são mais complexos e as escolhas ou imposições de denominações não são aleatórias, bem como apresenta Berenice Bento:

Na contemporaneidade, as pessoas transexuais não são as únicas que rompem e cruzam os limites socialmente estabelecidos para os gêneros. [...] Transexualidade, travestilidade, transgênero são expressões identitárias que revelam divergências com as normas de gênero uma vez que estas são fundadas no diformismo, na heterossexualidade e nas idealizações. As normas de gênero definirão o considerado “real”, delimitando o campo na qual se pode conferir humanidade aos corpos. (2008, p.20)

Por esses caminhos e conceitos, cabe reiterar que ao longo da história, a concepção do corpo e suas diversas identidades foi moldada por processos sociais, institucionais e ideológicos que favorecem a padronização do gênero. Essa abordagem resulta na exclusão e marginalização de corpos que não se alinham aos padrões estabelecidos de etnia, raça, sexualidade e gênero em várias esferas da sociedade. Como consequência, os atributos associados aos paradigmas *binaristas* de gênero - os estereótipos criados pela sociedade para categorizar e padronizar comportamentos considerados femininos e masculinos - contribuem para apagar a presença de indivíduos em campos de pesquisa, como é o caso do âmbito da dança.

Dessa forma, no universo da Dança, muito das seleções e disponibilidades em elaborar pesquisas, tanto no âmbito artístico como teórico, em/na Dança são reflexos de concessões culturalmente estabelecidas, ratificadas no imaginário social, que delimitam *o que é Dança*, *quem dança* e de *como se dança*. Considerando o exposto, a transexualidade ainda tem sido muito negligenciada nesse campo, isolando reflexões que são de extrema importância para o desenvolvimento de um pensamento mais amplo, diverso e inclusivo.

Nesse cenário, cabe ressaltar que as reivindicações, demandas e direitos das pessoas que vão ao encontro do posto da normatividade de gênero devem ser

respeitadas e consideradas. E ao refletir sobre os enfrentamentos que esses corpos encontram nas diversas esferas sociais, nos processos de identidade de gênero e as formas de exclusão e violências por conta de preconceito, a pesquisadora Jaqueline Gomes de Jesus (2012), apresenta um panorama internacional sobre vivências trans, mas com enfoque principal aqui no Brasil.

Na conjuntura brasileira, em particular, o espaço reservado a homens e mulheres transexuais e a travestis é o da exclusão extrema, sem acesso a direitos civis básicos, sequer ao reconhecimento da identidade. São cidadãos e cidadãs que ainda têm de lutar muito para terem garantidos os seus direitos fundamentais. (Jesus, 2012, p. 2)

Ao observarmos a constituição federal brasileira, facilmente percebemos que a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade (Brasil, 1988, art. 5º) de modo algum se aplica a todas as pessoas. É neste campo de reconhecimento social que corpos trans vivenciam seus abandonos institucionais, quando não encontram trabalho ou são delegados a posições precarizadas de subemprego. Se faz necessário compreender, aqui, que a categoria trabalho, a partir dos escritos marxistas tem significância para qualquer existência humana, certo que, representa fonte material para a sobrevivência, para a sociabilidade e a oportunidade de criar ou recriar história (Antunes, 2013).

Quando olhamos para o trabalho no campo da Dança e suas formas de produção e reprodução na cena ocidental, especialmente as formas mais antigas, como o balé e dança moderna, estruturam-se linhas estritas de gênero. No entanto, discussões da construção da Dança como área de saber fundamentam a compreensão de que o movimento não tem sexo, e de que a discriminação tradicional de movimentos a partir da lógica do gênero é construída no processo de socialização das pessoas, sendo atrelada a valores culturais (Kunz, 2006). Assim, muito da performance em/na Dança está ligada a hegemonia cisnormativa, com pesquisas estéticas e exercícios artísticos advindos de corpos e pensamentos cisgêneros. Entretanto, pessoas trans no seu exercício artístico, no caso da dança, não podem ser invisibilizadas, substituídas ou mesmo silenciadas.



A área da Dança tem como uma de suas muitas pretensões abrir espaços para o diálogo que envolve a aceitação pessoal. No entanto, é neste mesmo campo de ensino que se pode identificar como os pretensiosismos hegemônicos operam, afastando todo corpo que não se adequa ao padrão do fazer dança. E nesse paradoxo, os corpos que vivem a marginalização sofrem quando escolhem arte da dança como lócus de trabalho, muitas vezes tendo que escolher abandoná-la ou sendo retirados de suas carreiras por viverem suas verdades, por viverem seus corpos de verdade com/em/através da dança (Scher, 2020).

### **Por uma dança (trans)passada: percursos e descobertas**

Nas linhas que seguem, abordaremos o trajeto metodológico que utilizamos para dar corpo à investigação proposta, acompanhado da discussão dos dados encontrados. Amparadas pelo paradigma qualitativo, partimos de uma revisão bibliográfica com vistas à construção de uma perspectiva exploratório-descritiva, na qual buscamos encontrar em diferentes bases de dados, pesquisas que dialogassem com/sobre a transexualidade na dança. Para isso, recorreremos a uma primeira revisão de literatura com intuito de identificar os conceitos base para amparar a seleção de escritores que compõem a metodologia de busca.

Uma vez superada essa primeira etapa, optamos por utilizar as combinações de palavras-chave, como *transexualidade e dança; dança e transgênero; dança e transgeneridade; balé e transgênero; bailarinos e transgênero; dançarinos e transgênero*, para a busca nas seguintes bases de dados: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, Scopus, Scielo Brasil e Google Acadêmico. A escolha em utilizar a transexualidade como base de pesquisa, ou seja, como descritor e palavra-chave deste trabalho, acompanha os estudos sobre identitarismo e gênero. A utilização das palavras transgênero, balé e bailarinos se deu na tentativa de ampliar os resultados significativos para o recorte do estudo.

No que tange ao recorte de análise, utilizamos como critérios de inclusão

na pesquisa: 1) pesquisa brasileira ou em língua portuguesa; 2) presença das palavras *transgênero* e/ou *transsexualidade* e *dança* no resumo ou no título; 3) se aproxima da temática da pesquisa; 4) texto dialoga com a transgeneridade e performance. O quadro 1 apresenta a classificação dos dados brutos.

**Quadro 1** - Relação bruta de trabalhos encontrados

Plataforma	Referência	dança e transsexualidade	dança e transgênero	dança e transgeneridad	balé e transgênero	baileiros e transgênero	dancários e transgênero
Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações	Trabalhos encontrados	1	3	0	1	1	1
	Relacionados ao tema	0	2	0	0	duplicada	0
SCOPUS	Trabalhos encontrados	0	0	0	0	0	0
	Relacionados ao tema	0	0	0	0	0	0
SCIELO	Trabalhos encontrados	1	0	0	0	0	0
	Relacionados ao tema	0	0	0	0	0	0
GOOGLE ACADÊMICO	Trabalhos encontrados	1460	963	88	173	434	140
	Relacionados ao tema	16	0	1	0	2	0

Uma vez selecionados os artigos que compõem a pesquisa, nos debruçamos na construção de um estudo descritivo dos materiais encontrados. Percebemos que a única plataforma que apresentou número considerável de trabalhos a partir dos descritores foi o Google Acadêmico. No entanto, muitos trabalhos apareciam duplicados, já outros apareciam com resumos traduzidos para a língua portuguesa, mas ao abrir o trabalho na íntegra, apresentava-se em outra língua. Para além disso, a confusão do algoritmo em destacar palavras como mudança e similares contribuiu para o alto número de ocorrências - fato que não ocorreu nas demais plataformas. Ainda sobre inclusão, alguns textos não dialogavam efetivamente com transgeneridade e performance, dedicando-se a outras discussões igualmente pertinentes, mas ficando de fora do nosso atual recorte de estudo por não cumprir, especialmente, o terceiro critério de inclusão da pesquisa - dialogar com o “universo transgênero na dança”.

Ao final da triagem, foram selecionados 11 trabalhos que correspondiam aos critérios de inclusão. Os trabalhos encontrados apresentam autores refletindo perspectivas *queer's* no campo da Dança e Ciências Humanas (Antropologia, Sociologia, História, Estudos Culturais, Estudos de Gênero, Dança e relações étnico-raciais). Esse panorama sinaliza que a suposta abertura apontada por Mandradjieff (2022) para investigações relacionando dança e transgeneridade ainda não encontram eco nos estudos em língua portuguesa. Considerando seus respectivos recortes temáticos estabelecemos três grandes categorias, a saber:

**Construções artísticas e histórias de vida (2 resultados):** essa categoria inclui trabalhos que apresentam estudos de criação de dança a partir da perspectiva trans e seus atravessamentos/experiências enquanto corpos que vivem a transgeneridade e a dança;

**Dança e estudos de gênero (5 resultados):** apresenta pesquisas que ventilam sobre a relação da dança com os estudos de gênero na criação artística e processos educativos, pensando, também, olhares sobre corpos transgênero dentro dessas perspectivas;

**Transgeneridades, performance e identidade de gênero (4 resultados):** apresenta trabalhos que discutem performances e travestilidades, pensando suas ações artísticas e fortificação de ideias a partir dos estudos de identidade de gênero.

**Quadro 2 - Categorias, textos e autores**

	Título	Síntese	Autores
Construções artísticas e histórias	<b>TransFORMA Corpo</b>	O objetivo do trabalho é investigar e explorar a relação entre o corpo e a dança, considerando a capacidade transformadora da prática da dança no corpo e na experiência subjetiva dos dançarinos. A autora explora, com o auxílio do Método BPI, da Técnica Alexander e da Anatomia Emocional, a reflexão sobre maneiras de se colocar no mundo enquanto mulher transexual, bailarina e artista.	Bruna Macedo Borges

	<b>Um relato a partir da criação alone: transgeneridade, música e poesia nos processos de criação da dança</b>	O texto descreve um relato de experiência sobre os processos de criação em dança vivenciados na disciplina de Estudos dos Processos Criativos em Dança I do Curso de Dança Licenciatura da Universidade Federal de Santa Maria. O objetivo da criação "Alone" é representar os diferentes processos vividos pelo bailarino em relação à transgeneridade, combinados com os conteúdos estudados	Samuel Theodor Pagani Stein
Transgeneridades, performance e identidade de gênero	<b>Corpos dissidentes na encruzilhada: o encontro poético com mulheres trans, travestis e profissionais do sexo</b>	Neste trabalho o autor propõe uma pesquisa de dança que é impulsionada pela experiência transgênera. A pesquisa tem seu ponto de conflito no encontro dos modos corporais normativos que estão alinhados aos designios sociais e corroborado com a existência de estruturas de binarismo de gênero na nossa sociedade.	Sidney Leandro de Oliveira
	<b>DZI CROQUETTES: invenções, experiências e práticas de si - masculinidades e feminilidades vigiadas</b>	O objetivo da dissertação é investigar as trajetórias, as invenções e as práticas de si do grupo teatral brasileiro DZI Croquettes, considerado um ícone da contracultura e da transformação dos padrões de gênero na década de 1970. O autor busca compreender como esse grupo de artistas redefiniu as noções de masculinidades e feminilidades em um contexto social e cultural marcado por normas rígidas de gênero e sexualidade.	Natanael de Freitas Silva
	<b>A influência da dança na vida das Drag Queens</b>	O objetivo deste estudo é investigar a influência da dança na vida das Drag Queens, explorando como a prática da dança impacta suas trajetórias pessoais, sociais e artísticas. O autor busca compreender como a dança atua como uma forma de expressão e empoderamento para esses artistas. O trabalho é embasado em uma revisão bibliográfica que aborda conceitos relacionados à dança, identidade de gênero, performance drag e empoderamento	Jhonatas da Cruz Marciano
	<b>Sobre o chão colonial: Próteses e Monstruosidade na performance-dança</b>	O texto discute a performance intitulada "Dance with me" (2018), criada por Elle de Bernardini. A performance é analisada em termos de sua configuração estética e política, explorando a representação de um corpo protético não-binário e a contestação do sistema colonial e transfóbico em que esse corpo atua e se insere.	Ronildo Nóbrega e Naira Neide Ciotti
Dança e estudos de gênero	<b>Questões de Gênero na Dança Contemporânea: construção e rupturas</b>	O objetivo da dissertação é analisar como as questões de gênero são construídas e rompidas na dança contemporânea, investigando como os artistas e coreógrafos abordam e subvertem as normas de gênero em suas criações. O estudo examina o papel da dança como uma forma de expressão artística que possibilita a desconstrução de estereótipos e a construção de novas narrativas e identidades de gênero.	Raquel Magayevski Silveira
	<b>Corpo transeunte: oscilação performática</b>	O estudo aborda as diversas atividades performáticas que foram desenvolvidas pelo pesquisador ao longo de sua trajetória, investigando as representações de gênero	Marco Aurélio Chagas Pinto Junior

<p><b>mapeando a cena Ballroom brasileira</b></p>	<p>presentes na dança. O objetivo do trabalho foi mapear o funcionamento da Cultura Ballroom no Brasil, por meio da participação efetiva em eventos realizados em seis cidades brasileiras durante o ano de 2019.</p>	
<p><b>Danças e gêneros: Etnografia em um grupo de dança com travestis e mulheres trans em São Paulo</b></p>	<p>O autor tem como objetivo investigar as práticas de dança desse grupo e compreender as relações entre dança e gênero, explorando como essas pessoas utilizam a dança como forma de expressão e empoderamento, além de analisar as questões de identidade de gênero presentes nesse contexto.</p>	<p>Michel de Oliveira Furquim dos Santos</p>
<p><b>Dança, Gênero e Sexualidade: Narrativas e Performances de Giuliano Souza Andreoli</b></p>	<p>É um fragmento de um livro maior que leva o mesmo nome e aborda a relação entre dança, gênero e sexualidade, explorando as narrativas e performances de artistas que se identificam como LGBTQ+. O autor realiza uma análise qualitativa, baseada em entrevistas e observações, para compreender como a dança atua como meio de expressão e construção de identidades de gênero e sexualidade. O foco principal é dado às experiências de artistas que utilizam a dança como forma de explorar e questionar normas de gênero e sexualidade.</p>	<p>Giuliano Souza Andreoli</p>
<p><b>Gênero, dança, educação física e formação, ou na contramão do destino: uma história a ser evidenciada</b></p>	<p>Aborda a relação entre gênero, dança, educação física e formação, destacando a importância de discutir e problematizar as questões de gênero nesses contextos. Os autores argumentam que a dança e a educação física são áreas que têm sido tradicionalmente marcadas por estereótipos de gênero, reproduzindo e reforçando padrões binários e normativos. Eles propõem uma reflexão crítica sobre essas práticas, buscando questionar as representações de gênero presentes na dança e na educação física e promover a equidade de gênero e a diversidade.</p>	<p>Ebling do Nascimento e Mariângela da Rosa Afonso</p>

Observando esse esvaziamento é importante problematizar o percurso dos estudos em Dança no Brasil. Os cursos de graduação em Dança e a legitimação dessa área como um campo de saber tem uma tradição e institucionalização acadêmica que ultrapassam cinquenta anos. Embora esse percurso seja relativamente novo, é evidente que a evolução das graduações não seguiu um caminho homogêneo em direção à sua validação, mesmo ao longo desse período de tempo. O fato de a problemática da validação do campo da Dança no Brasil não omite a realidade da existência de em torno trinta e quatro instituições de ensino superior que oferecem a graduação em Dança entre bacharelado, licenciatura ou tecnológica (Portal MUD,2018). Se existem tantos polos significativos para o compartilhamento

de conhecimento em dança, onde estão os indivíduos de gênero dissidente que deveriam estar participando e contribuindo com seu conhecimento nesses espaços?

Escancara-se um apagamento seletivo de corpos que vivem a não binariedade. Para além da falta de acesso ao ensino superior como estatística<sup>4</sup>, há um desinteresse dos demais pesquisadores em investigar as relações que envolvam dança e o universo trans. A descoberta dessas ausências motivou uma outra parte instrumental da investigação que objetiva colaborar com futuras pesquisas e estudos relacionados ao universo trans e a Dança. Com intuito de ampliar o alcance e o debate sobre o tema e suas multi trajetórias possíveis com/na/sobre dança, criamos uma conta na rede social Instagram - @dancaparaalem - para apresentação do projeto, das pesquisas e correlações dos dados levantados, com vistas a uma divulgação científica que alcance um público diverso daquele envolvido em pesquisas acadêmicas. O desenvolvimento desse espaço, para além da divulgação das pesquisas fora do âmbito acadêmico, também se apresenta como um lugar de reconhecimento e denúncia. Visto que, entre os trabalhos selecionados apenas dois foram produzidos por autores da comunidade trans falando de si artisticamente. Podemos ligar esse apagamento ao fato de que pessoas trans dificilmente chegam a espaços que permitam a elas falarem sobre si, o que implica na produção de pesquisas/estudos que se limitam a um olhar cisgênero sobre as vivências trans em várias áreas, seja na educação, na cultura e sobretudo na dança.

No impacto dessa descoberta, motivadas pelo movimento dessa investigação, as pesquisadoras se envolveram na produção de uma proposta artística que figurará como Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Dança IFG, derivando dela um outro artigo. Acreditamos que a conta de Instagram possa ser uma possibilidade de partilhar conhecimento e dialogar com demais artistas trans, para que desse encontro possam ebulir novas pesquisas acadêmicas, novas estéticas dançantes e novas formas de cunhar a existência em sua diversidade.

---

<sup>4</sup> Segundo informações da Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA) do ano de 2020, somente 0,02% dos estudantes universitários pertenciam a comunidade trans.

## **Por um bem viver dançado**

A presente investigação realizou um importante movimento no campo acadêmico ao mapear produções brasileiras e em língua portuguesa relacionadas ao universo transgênero na Dança. O estudo adotou uma abordagem qualitativa exploratória-descritiva e se estruturou como uma revisão bibliográfica. A partir de leituras sobre dança e gênero, as pesquisadoras buscaram desvelar rastros acadêmicos relacionados à identidade dos corpos transgênero na Dança e suas diferentes formas de existência e subsistência no campo artístico.

Após uma incursão de pesquisa em plataformas digitais de pesquisa, foi possível selecionar apenas 11 trabalhos que refletem perspectivas *queer's* no campo da Dança e Ciências Humanas. Esses trabalhos abordam temas como construções artísticas e histórias de vida, dança e estudos de gênero, além de transgeneridades, performance e identidade de gênero. O panorama revela que, apesar da suposta abertura para investigações sobre dança e transgeneridade, ainda há poucos estudos em língua portuguesa nessa área.

Os resultados foram categorizados em três grupos principais: construções artísticas e histórias de vida - cujos trabalhos exploram a criação de dança a partir da perspectiva trans; dança e estudos de gênero - reunindo pesquisas que abordam a relação entre dança e estudos de gênero; transgeneridades, performance e identidade de gênero - reunindo discussões sobre performances e travestilidades. Essas categorias agruparam os poucos estudos encontrados e nos levam a refletir sobre outros tantos recortes temáticos que não foram abordados, indicando um esvaziamento na produção relacionada ao universo trans. A escassez de resultados revelou uma lacuna existente nesse campo, apontando para o desinteresse da academia em discutir questões que já fazem parte do cotidiano de pessoas trans que buscam espaço no universo da dança.

A ausência de pesquisas e a falta de representação de pesquisadores trans são alarmantes. No entanto, a pesquisa busca friccionar o campo, encorajando outros estudos que abordem os cruzamentos possíveis entre dança e transgeneridade. Além disso, sublinhamos que a universidade deve

desempenhar o papel fundamental de fomentar o ingresso e a permanência de sujeitos trans na educação superior, permitindo que expressem suas verdades corajosamente. A criação de espaços de pesquisa e estudo em dança mais diversos e representativos é essencial para atenuar olhares hegemônicos e cisnormativos sobre a realidade. Além disso, a democratização da informação e a divulgação científica devem ir além do ambiente acadêmico, pois são pilares essenciais para uma sociedade bem-informada, crítica e participativa.

Esta pesquisa foi cunhada como um espaço de reconhecimento da existência de pessoas que, por meio de seus corpos, expressam suas verdades corajosamente. Relembrando os direitos elementares que pessoas transexuais deveriam ter acesso, é fundamental que as instituições de Dança se atualizem para receber vozes trans. Respeito, compreensão e valorização da diferença são essenciais para construir outras realidades possíveis no mundo da Dança. Sean Dorsey, diretor abertamente trans, nos mostra que o público está pronto para essa mudança, e cabe a nós sermos agentes dessa transformação.

## REFERÊNCIAS

ANDREOLI, Giuliano Souza. **Dança, gênero e sexualidade: narrativas e performances**. Curitiba: Appris, 2019.

ANTRA, Associação Nacional de travestis e transexuais. **Nota da ANTRA sobre cotas e reservas de vagas em universidades destinadas às pessoas trans**. [S. l.], 2020. Disponível em: <https://antrabrasil.org/2020/12/17/nota-antra-cotas-universidades-pessoas-trans/>. Acesso em: 16 jun. 2023

ANTUNES, Ricardo (Org.). **Riqueza e miséria do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 2013. v. II.

BENTO, Berenice. **O que é transexualidade**. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 2008.

BORGES, Bruna Macedo. **TransFORMA Corpo**. 2019. 32f. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Dança) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/22862/Bruna-FINAL-para-imprimir.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 23 maio 2023.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.



BUTLER, Judith. **Gender Trouble: Feminism and the Subversion of Identity**. New York: Routledge, 1990.

BUTLER, Judith. **Bodies that matter On the discursive limits of “sex”**. New York: Routledge, 1993.

BUTLER, Judith. **Undoing gender**. New York: Routledge, 2003.

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, [2016]. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Constituicao/Constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm). Acesso em: 1 jan. 2023.

CIDH. **Comunicado de prensa 153/14**. Washington, 2014. Disponível em: [www.cidh.org/lgbti](http://www.cidh.org/lgbti). Acesso em: 22 jun. 2023

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo– socialista no final do século XX. In: SILVA, Tomaz T (Org.). **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 37–129.

JESUS, Jaqueline G. Pessoas transexuais como reconstrutoras de suas identidades: reflexões sobre o desafio do direito ao gênero. In: Galinkin, Ana L. & Santos, Karine B. (orgs.), **Anais do Simpósio Gênero e Psicologia Social: diálogos interdisciplinares**, 80-89. Disponível em: [https://www.academia.edu/22516975/Pessoas\\_transexuais\\_como\\_reconstrutoras\\_de\\_suas\\_identidades\\_reflex%C3%B5es\\_sobre\\_o\\_desafio\\_do\\_direito\\_ao\\_g%C3%A](https://www.academia.edu/22516975/Pessoas_transexuais_como_reconstrutoras_de_suas_identidades_reflex%C3%B5es_sobre_o_desafio_do_direito_ao_g%C3%A) Anero. Acesso em: 24 jun. 2022.

JESUS, Jaqueline G. **Visibilidade transgênero no Brasil**. Correio Braziliense, caderno Opinião, p. 13, 18 de janeiro. 2012 Disponível em: <http://www.doistercos.com.br/visibilidade-transgenero-no-brasil/> . Acesso em: 24 jun.2022.

KUNZ, Elenor. Educação Física: Concepções e mudanças. **Revista Brasileira de Ciências e de Esporte**. v. 10. n° 2. 2004.

LAU, Héilton Diego. **O uso da linguagem neutra como visibilidade e inclusão para pessoas Trans não-binárias na língua portuguesa: a voz “del@s” ou “delxs”? Não! A voz “delus”!** Simpósio Internacional em Educação sexual, [s. l.], 2017. Disponível em: <http://www.sies.uem.br/trabalhos/2017/3112.pdf>. Acesso em: 8 jun. 2023.

LOURO, Guacira Lopes. **Currículo, gênero e sexualidade**. Porto: Porto Editora, 2000.

LUCON, Neto. **“Não nasci e nem quero me tornar mulher”, diz militante travesti Janaina Lima**. Disponível em: <http://www.nlucon.com/2015/02/nao-nasci-e-nem-quero-me-tornar-mulher.html>. Acesso em: 22 de fevereiro de 2023

MANDRADJIEFF, Mara; ALTEROWITZ, Gretchen. **Publicizing transgender ballet dancers: a pas de deux of inclusion and reiterative gender norms**. *Feminist Media Studies*, 2022.

MARCIANO, Jhonatas da Cruz. **A influência da dança na vida das drag queens**. 2018. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Educação Física) - Universidade Estadual Paulista, [S. l.], 2018. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/203977/000913667.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 23 maio 2023.

NASCIMENTO, Diogo Ebling do; AFONSO, Mariângela da Rosa. Gênero, Dança, educação física e formação, ou na contramão do destino: Uma história a ser evidenciada. **Revista Humanidades e inovação**, [s. l.], p. 176-187, 2020. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/2588>. Acesso em: 23 maio 2023.

NÓBREGA, Ronildo Júnior Ferreira; CIOTTI, Naira Neide. Sobre o chão colonial: Próteses e monstruosidades na performance- dança de Élle de Bernardini. **Revista Ephemera**, [s. l.], v. 5, ed. 10, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/ephemera/article/view/5469/4131>. Acesso em: 23 maio 2023.

OLIVEIRA, Sidney Leandro de. **Corpos dissidentes na encruzilhada: o encontro poético com mulheres trans, travestis e profissionais do sexo**. 2020. Dissertação (Mestre em dança) - Universidade Federal da Bahia, Bahia, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/32490>. Acesso em: 23 maio 2023.

PINTO JUNIOR, Marco Aurélio Chagas. **Corpo transeunte: oscilação performática mapeando a cena Ballroom brasileira**. 2019. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Dança) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, [S. l.], 2019. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/213782/001113710.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 23 maio 2023.

Portal MUD. **Graduação em Dança no Brasil**. [S. l.], 2018. Disponível em: <https://portalmud.com.br/portal/ler/graduacao-em-danca-no-brasil>. Acesso em: 24 jun. 2023.

ROUGHGARDEN, Joan. **Evolução do gênero e sexualidade**. Tradução Maria Edna Tenório Nunes. Londrina: Planta, 2005.

SANTOS, Michel de Oliveira Furquim dos. Danças e gêneros: Etnografia em um grupo de dança com travestis e mulheres trans em São Paulo. **Enfoques**, [s. l.], v. 18, ed. 2, 2021. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/enfoques/article/view/34345/24082>. Acesso em: 23 maio 2023.

SCHER, Avichai. Para dançarinos transgêneros, o progresso não pode ser rápido o suficiente. Tradução nossa. **NBC News**, [S. l.], p. 1-9, 8 mar. 2020. Disponível em: <https://www.nbcnews.com/feature/nbc-out/transgender-dancers-progress-can-t-come-fast-enough-n1147911>. Acesso em: 24 maio. 2022.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** Educação & Realidade, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995.

louro, Rita Laura. **Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial.** E-cadernos CES, n. 18, 2012.

SILVA, Natanael de Freitas. **Dzi Croquettes CROQUETTES: Invenções, experiências e práticas de si - Masculinidades e feminilidades vigiadas.** 2017. Dissertação (Mestre em História). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: [https://www.academia.edu/33955983/DZI\\_CROQUETTES\\_INVEN%C3%87%C3%95ES\\_EXPERI%C3%84NCIAS\\_E\\_PR%C3%81TICAS\\_DE\\_SI\\_MASCULINIDADES\\_E\\_FEMINILIDADES\\_VIGIADAS\\_DZI\\_CROQUETTES\\_Inventions\\_experiences\\_and\\_practices\\_of\\_self\\_Masculinities\\_and\\_femininities\\_vigils\\_](https://www.academia.edu/33955983/DZI_CROQUETTES_INVEN%C3%87%C3%95ES_EXPERI%C3%84NCIAS_E_PR%C3%81TICAS_DE_SI_MASCULINIDADES_E_FEMINILIDADES_VIGIADAS_DZI_CROQUETTES_Inventions_experiences_and_practices_of_self_Masculinities_and_femininities_vigils_). Acesso em: 23 maio 2023.

SILVEIRA, Raquel Magayevski. **Questões de Gênero na Dança Contemporânea: construção e rupturas.** 2022. Dissertação (Mestre em Artes Cênicas) - Universidade Nova Lisboa, [S. l.], 2022. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10362/150440>. Acesso em: 23 maio 2023.

STEIN, Samuel Theodor Pagani. Um relato a partir da criação Alone: Transgeneridade, Música e poesia nos processos de criação em dança. **27º Seminário Nacional de Arte e Educação - Arte e Diversidade**, [s. l.], v. 27, ed. 27, 2021. Disponível em: <https://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/Anaissem/article/view/1000/1123>. Acesso em: 23 maio 2023.

TONELI, M. J. F. Sexualidade, gênero e gerações: continuando o debate. In: JACÓ-VILELA, A. M., e SATO, L., (Orgs) **Diálogos em psicologia social.** Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2012. p. 147-167. Scielo Books.

Recebido: 31/08/2023  
Aceito: 06/05/2024